

## OS CADERNOS DE DESENHO DE EDUARDO SOUTO DE MOURA

### 1º AUTOR

ALESSI, Edilene Silveira; Arquiteta pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - USP; São Paulo; Brasil; [ealessi@uol.com.br](mailto:ealessi@uol.com.br)

### 2º AUTOR

PERRONE, Rafael Antonio Cunha; Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo - USP; Docente dos programas de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie; São Paulo; Brasil; [racperrone@gmail.com](mailto:racperrone@gmail.com)

### RESUMO

Sabemos que os projetos de arquitetura atuam pela interdisciplinaridade, cruzando informações e imagens resgatadas de diferentes origens, incluindo a própria vivência do arquiteto. Além disso, os materiais que compõem um projeto, também se constituem em repertório para concepção de novas ideias. Alguns arquitetos se utilizam de cadernos de desenho, nos quais guardam toda espécie de anotações, croquis e pensamentos que devem ser materializados antes de se perderem na memória do dia-a-dia. Eduardo Souto de Moura é um desses arquitetos que carregam sempre consigo seu caderno de desenho, que para ele funciona também como uma agenda profissional. Souto de Moura foi discípulo do arquiteto Álvaro Siza, para quem o desenho é antes de tudo prazer, e com ele aprendeu que o papel e o lápis explicam melhor que as palavras. Seus croquis podem ser ruidosos, com várias linhas se sobrepondo, dificultando até a identificação do objeto, ou às vezes claros e objetivos. É a mão do arquiteto trabalhando na velocidade da mente.

Palavras-chave: Caderno - Desenho - Eduardo Souto de Moura

### ABSTRACT

The architectural design works by interdisciplinarity, crossing information and images rescued from different sources, including the architect's own experience. This material

constitutes repertoire for designing new ideas. A characteristic of some architects is using sketchbooks that keep all sorts of notes, sketches of new designs, numerical annotations, thoughts that should be materialized before getting lost in the day to day memory. Souto de Moura is one of those architects who always carry his sketchbook, as it is also a professional agenda. As a disciple of architect Álvaro Siza, for whom design is first of all pleasure, Souto de Moura has learned that paper and pencil explain better than words. His sketches are noisy, very often there are so many overlapping lines that it is difficult to identify the object, others are clear and objective. It is the hand of the architect working at the speed of the mind.

Keywords: Sketchbook - Drawing - Eduardo Souto de Moura

#### RESUMEN

Sabemos que los proyectos de arquitectura actúan por la interdisciplinariedad, cruzando informaciones e imágenes recuperadas de diferentes fuentes, incluyendo las propias experiencias del arquitecto. Además, los materiales que componen un proyecto también se constituyen como repertorio para la concepción de nuevas ideas. Algunos arquitectos utilizan cuadernos de bocetos, en los cuales guardan todo tipo de notas, bocetos y pensamientos que deberían materializarse antes de que se pierdan en la memoria del día a día. Eduardo Souto de Moura es uno de esos arquitectos que siempre lleva consigo su cuaderno de bocetos, que también funciona como una agenda profesional. Souto de Moura fue discípulo del arquitecto Álvaro Siza, para quien el diseño es ante todo placer, y con él aprendió que el papel y el lápiz explican mejor que las palabras. Sus bocetos pueden ser ruidosos, con varias líneas superpuestas, lo que hace difícil identificar el objeto, o a veces clara y objetiva. Es la mano del arquitecto trabajando a la velocidad de la mente.

Palabras clave: Cuaderno de bocetos - Diseño - Eduardo Souto de Moura

## OS CADERNOS DE DESENHO DE EDUARDO SOUTO DE MOURA

Aprender a ver é fundamental para um arquiteto, existe uma bagagem de conhecimentos aos quais inevitavelmente recorreremos, de modo que nada do que fazamos é absolutamente novo. (SIZA, 2012)

O presente artigo pretende abordar um elemento significativo no processo de criação de alguns arquitetos: os cadernos de desenho, em particular os elaborados pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura.

O desenho à mão livre ainda desempenha um grande papel na formação dos arquitetos. Na elaboração do projeto, metodologia, aprendizagem e prática, ele interage, sendo quase sempre visto como inerente à arquitetura. Charles Blanc, crítico de arte francês do século XIX, dentro de sua visão das Belas-Artes, em seu livro *Grammaire des arts du dessin: Architecture, sculpture, peinture* (1880), situa o desenho como princípio gerador e essência da arquitetura. Para ele o desenho se identifica com o próprio pensamento do arquiteto, servindo de modelo e ideal para a obra a ser edificada, entendendo o ato de desenhar um objeto como a expressão de pensamentos realizada em sua representação, por meio de traços e de claros e escuros, tanto no caso da pintura ou da escultura, como no da arquitetura.

Para o arquiteto, desenhar significa projetar, “inventar” o objeto, e ao mesmo tempo representá-lo. O desenho é a elaboração sensível de uma ideia, que encontra sua expressão na execução manual de um contorno, de um conjunto de traços. Por outro lado, o desenho também pode ser entendido como desígnio, vontade e projeto. O desenho neste aspecto é concepção, proposição, atividade mental que orienta a execução manual.

Esta dualidade no desenho de arquitetura deve ser vista de outro modo. O mesmo processo que alimenta a reprodução, está presente de forma marcante nos procedimentos de “criação”. Desenhar um objeto é condição para concepção de uma forma imaginada. Assim a criação arquitetônica se faz por meio de traços, linhas, claros e escuros, e da presença de registros gráficos, memórias, anotações, experiências.

O traço que caminha na folha de papel, resultante da conjunção mão/ gesto instrumento/ suporte, denota suas singularidades intransferíveis: o timbre e a impressão digital daquele que desenha. (DERDYK, 2010, p. 131)

O projeto arquitetônico envolve complexidades, além de resolver problemas racionais e satisfazer requisitos funcionais, técnicos e de outras naturezas. A arquitetura combina a singularidade da experiência profissional, com processos interdisciplinares. Segundo o arquiteto Louis Khan: “O mundo da arquitetura é o mundo no qual estão todas as outras coisas” (apud Pallasmaa, 2013, p. 104). Ao contrário das ciências ditas “lógicas” ou “exatas”, o projeto de arquitetura não é a solução de um problema obtido racionalmente a partir de um processo simples, somatório ou dedutível de partes diferentes. O trabalho do arquiteto envolve, além de suas habilidades práticas e conhecimentos operativos e instrumentais, conhecimentos existenciais moldados pela sua vivência. Na elaboração de um projeto, estes conhecimentos, referências, memórias se fundem, e o cruzamento de imagens e informações, resgatadas de diferentes origens, se constituirão em matéria para edificar o “novo”. Essas informações e observações acumuladas no decorrer da vivência profissional, e muitas vezes gravadas em cadernos e blocos, como um arquivo pessoal, implicam na geração de vários imaginários por parte do arquiteto.

Os exercícios de desenho elaborados por arquitetos, guardados em cadernos, possuem a qualidade de incorporar elementos de linguagem ou de desenvolver percepções que muitas vezes tornam-se uma categoria de registros, como observou o arquiteto Michael Graves (GRAVES, 1977). Ele definiu estes registros como desenhos de referência (*referential drawings*), ou seja, anotações gráficas coletadas e colecionadas como diários. Seu grande valor reside em reter como memórias, temas arquitetônicos que, uma vez revisitados, reelaborados, e combinados com outros desenhos de referência e/ou novas proposições, auxiliam e podem germinar novas propostas e composições.

Os cadernos de desenho, para os arquitetos, quase sempre são um espaço privado, e por isso mesmo possuem grande liberdade de expressão, ao contrário dos desenhos produzidos durante o processo projetual, principalmente aqueles conhecidos como desenhos de apresentação. Guardam recordações pessoais, ilustrações de viagem (são famosos os “carnets” das viagens de Le Corbusier), observações, notações numéricas, ideias, soluções de problemas em andamento, pensamentos e por vezes, devaneios. Documentos da

realidade do mundo, da arquitetura e de outras referências associadas a ela. Imagens de evidências de outra atividade -“*estar no mundo*”- segundo o arquiteto Peter Wilson. Ele denomina o trabalho de observar e desenhar como, “cartografias cognitivas” sendo um engajamento fenomenológico e ético, de apropriação e construção de ambientes e histórias (MOLESKINE, 2011).

Segundo Lapuerta (1997, p. 54) um dos antecedentes dos cadernos de desenho, são os antigos cadernos de viagem, como o de Villard de Honnecourt, do século XVI, e os de John Ruskin no século XIX. A falta de instrumentos mecânicos de representação do passado, para difundir as arquiteturas contempladas por quem viajava, se junta ao nascimento do “vedutismo” na Europa. O “vedutismo” deriva da palavra italiana *veduta*, que quer dizer “vista”. Foi um gênero pictórico desenvolvido no século XVIII, sobretudo em Veneza. Com a expansão do Humanismo e do Renascimento na Europa, criou-se nos artistas o desejo de conhecer as proposições clássicas em suas terras de origem, inicialmente na Itália, e mais tarde na Grécia e no restante do mundo helenístico.

O arquiteto Michael Graves defende a importância do desenho à mão livre pelo arquiteto e utiliza os cadernos de desenho como verdadeiros arquivos pessoais e de referências para seus projetos. Ele compara esta maneira de representar a um diário visual, uma espécie de recordação da descoberta do arquiteto. Do período em que morou na Itália, logo após sua formação como arquiteto, lápis e papel se transformaram em ferramenta investigativa, resultando em maravilhosos desenhos nas mais diversas técnicas, de monumentos e paisagens de Roma e seus arredores, que deram origem ao livro **The Grand Tour**. Em um artigo publicado no *New York Times Sunday Review - The Opinion Pages*, intitulado “*Architecture and the lost art of drawing*”, Graves afirma:

Quando eu desenho algo, eu lembro. O desenho é em primeiro lugar, a lembrança da ideia que originou a anotação. Aquela conexão visceral, aquele processo de pensamento, que não pode ser reproduzido pelo computador. (GRAVES, 2012)

No processo de projeto, essas considerações de memórias registradas pelos cadernos de desenho são arquivos que correspondem a um arsenal de registros e instrumentos cognitivos e recordações, que podem ser utilizadas em novas proposições projetuais.

Também não há um vazio precedente à configuração de um projeto. A folha ou a tela do computador não estão em branco aos olhos de um projetista. Nela residem os

registros das memórias, os traços de muitos projetos e as vivências de cada um. Nela devem ser visualizadas as estratégias, perguntas e interpretações de cada um. (PERRONE, 2014, p. 159)

Como se origina o processo criativo, o acompanhamento destes percursos, o processo do ir e vir da mão do artista, atividades que estão sob o foco de interesse de artistas e cientistas? A grande quantidade de publicações, e agora exposições em museus e galerias, denotam a importância deste tipo de registro. Para os arquitetos esses cadernos são guardados como arquivos, que podem ser solicitados como material de consulta, ou para acompanhar a evolução do seu trabalho no decorrer do tempo.

São notáveis as relações entre projetos e os registros realizados em cadernos de desenho e outras formas de anotações gráficas utilizadas pelos arquitetos. Podemos citar os estudos de dunas empreendidos por Eric Mendelshon que se manifestaram em suas propostas expressionistas, com marcante presença no projeto da Torre Einstein.

Estes desenhos que ele chamou de 'Arquitetura das Dunas', capturam ao mesmo tempo os movimentos ao vento das dunas e a sua reação a eles. É como se fosse seu intento não muito representar as dunas, mas melhor externalizar o que elas estimulam em sua mente. (FRASER & HENMI, 1994, p. 94)

O arquiteto português Eduardo Souto de Moura, ganhador do Prêmio Pritzker de Arquitetura de 2011, é um desses arquitetos que não se separam de seus cadernos de desenho. Começou a utilizá-los quando iniciou seu trabalho, ainda estudante de arquitetura, no escritório do arquiteto Álvaro Siza, que desenha em seus cadernos A4 de capa preta até hoje. Souto de Moura afirmou, em uma entrevista a Luis Miguel, quando da exposição de seus croquis numa galeria da cidade do Porto:

Faço croquis para me convencer de que o projeto é bom. O desenho deveria voltar a ser elemento central da arquitetura, entendido como um modo de transformar um sítio, e não mero exercício linguístico. (MOURA, s.d.)

Desde sua formação e início de carreira ele já reconhecia:

quando comecei a trabalhar com Siza, eu sempre lhe dizia que queria fazer isto ou aquilo de determinada maneira, então ele mandava eu desenhar, queria que eu mostrasse visualmente a solução imaginada. (MOURA, s.d.)

Assim como Álvaro Siza, seu mentor, colega, amigo e vizinho (seu escritório é um andar acima no mesmo edifício, na cidade do Porto), Souto de Moura desenha obsessivamente. Seus cadernos de desenho são guardados desde o início de sua carreira, e ao contrário das

imagens nas paredes de seu escritório que vêm e vão, seus cadernos estão sempre à mão, organizados cuidadosamente como arquivo pessoal.

A relevância deste tipo de registro foi demonstrada com a publicação na íntegra de um dos cadernos de desenho de Souto de Moura, como *Sketchbook no. 76* pela Editora Lars Müller, no qual podemos apreciar o dia a dia da profissão, e os momentos de construção de seu repertório e fontes referenciais

A maneira como seus traços se espalham pelas folhas (todas devidamente numeradas), denota uma grande liberdade e satisfação em realizá-los. Pensar, falar e desenhar, são atos inseparáveis. Ao contrário de sua arquitetura limpa e clara, a caneta vai e vem ruidosamente sobre seus esboços, muitas vezes reafirmando a utilização de áreas ou a demarcação de espaços (Figura 1).

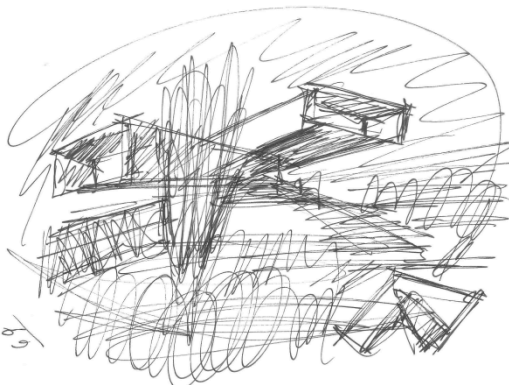


Figura 1: Croqui do autor da Residência no Douro (2004) realizado a partir de esboços de Eduardo Souto de Moura (Base <http://ediandrist.com>; visitado em 25/06/2013)

Sua preocupação com o entorno onde se inserem suas obras é outra característica marcante de seus esboços, assim como de sua própria arquitetura. Árvores, vegetação circundante, localização do sítio, recebem atenção especial na forma de riscos vigorosos, às vezes muito mais fortes que o esboço do próprio edifício. A integração da natureza com o edifício é um ponto importante na arquitetura de Souto de Moura. Como coloca:

Natureza - edifício, é uma condição cultural, e logo, relação entre edifício e natureza é sempre domínio do 'artifício'. Uma pedra pode deixar-se 'incrustar' por um Estádio e um Estádio pode 'reinventar' uma pedra, tal como as pedras de Richard Long 'organizam' a memória humana de um lugar. (MOURA, 2008, p. 6)

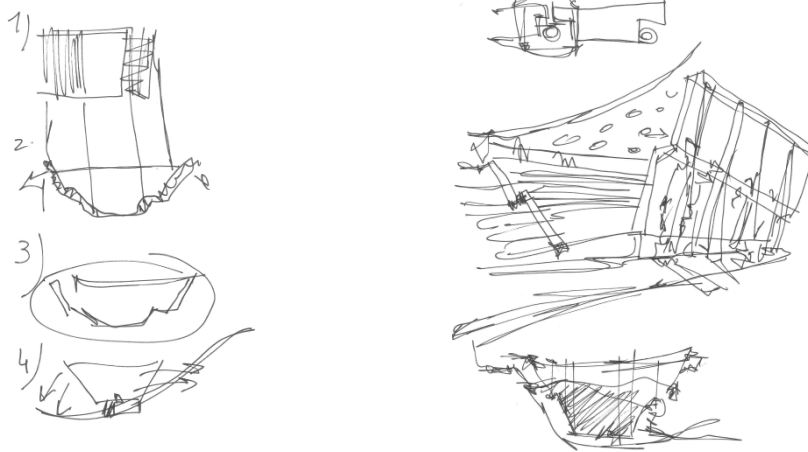


Figura 2: Croquis do autor a partir de esboços de Eduardo Souto de Moura. (Base site <http://www.arcspace.com>; visitado em 25/06/2013)

Seus cadernos de desenhos, além de agenda de compromissos profissionais, conformam um espaço que se abre como uma memória externa de computador, podendo ser acessada a qualquer momento. Mais que esboços arquitetônicos, discursos, cartas não enviadas, pensamentos não ditos, divagações poéticas, o interior do arquiteto lastreado em lápis e papel. A prática frequente de se expressar por meio da mão, está presente na forma de esboços que contêm elementos, ideias e teorias sobre arquitetura, história e outros temas, tentando convencer a si mesmo ou a “outros”, sobre seu ponto de vista (Figura 3).



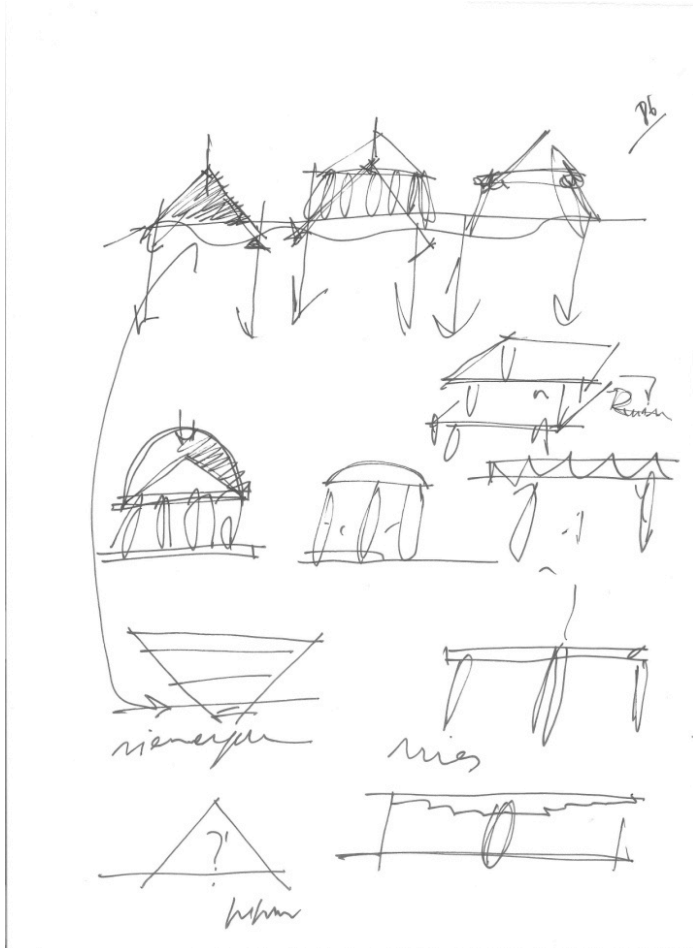


Figura 3: Croqui do autor realizado a partir de esboços de Eduardo Souto de Moura (com base no livro *Sketchbook no. 76*, 2012, p. 86).

Muitos desenhos de futuros projetos, aparecem várias vezes ao longo de todo o caderno, como os esboços do projeto *City Life* em Milão, saltando páginas, eles aparecem ora descendo a detalhes construtivos, ora na escolha de materiais, como desenhos de fachada, ora retornano ao início e projetando a estrutura, demonstrando que ao longo dos dias, qualquer espaço de agenda é utilizado para desenvolvimento de projetos e solução de problemas.

A escala humana é outro ponto importante presente em seus esboços. Como seus desenhos são feitos em tamanho reduzido (cadernos no formato A5), Souto de Moura sente a necessidade de desenhar pessoas, equipamentos, árvores, que denotam uma preocupação em não perder a escala real de seus esboços (Figura 4).

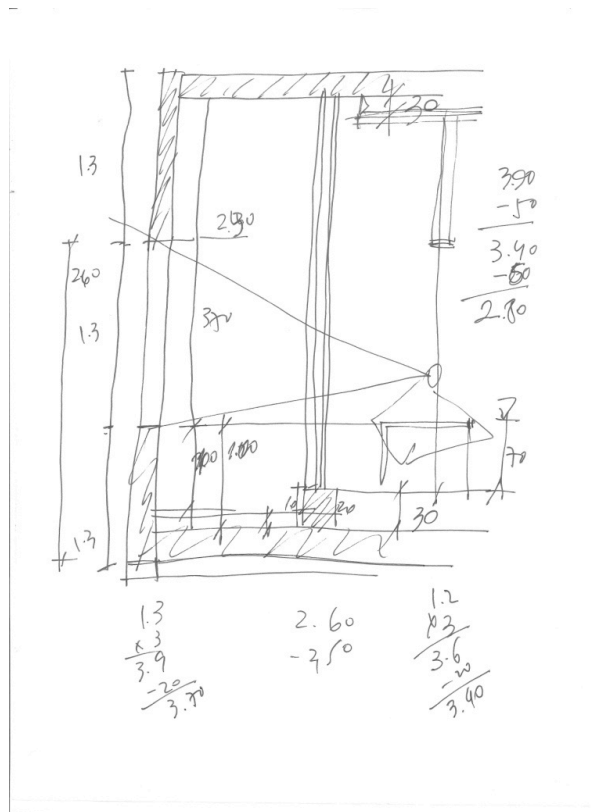


Figura 4: Croqui do autor do projeto *City Life* em Milão a partir de esboço de Eduardo Souto de Moura (com base no livro *Sketchbook no. 76*, 2012, p.15).

Em seus cadernos, há tantos registros imprecisos, como estudos mais detalhados, indicando como o arquiteto “conversa” com seus desenhos, sem se preocupar se o todo ainda não faz sentido. Esta busca o leva a construir várias linhas de pensamentos, às vezes até conflitantes, mas são os passos da gestação de um projeto, em direção a uma ideia central interessante.

Como ele mesmo diz, um dos grandes problemas de projetar arquitetura hoje, é a falta de tempo. Em uma época de globalização na qual os arquitetos viajam muito, Souto de Moura utiliza o tempo em aeroportos e viagens para trabalhar “*esquissos*” em seus cadernos, quando não em maços de cigarro, guardanapos e no que mais tiver à mão para gravar os primeiros rabiscos, a fim de não esquecer os princípios adotados no primeiro impulso. Na geração de ideias, o desenho muitas vezes seleciona os traços, as imagens do pensamento,

e na urgência de reter estas informações, o suporte pode ser o que estiver à mão. O pensamento é ágil, como destaca o texto de Henri Bergson:

A partir do dia em que a inteligência, refletindo sobre suas manobras, percebe a si mesma como criadora de ideias, como faculdade de representação em geral, não há objeto do qual não queira ter a ideia, mesmo que este não tenha relação direta com a ação prática. Eis porque dizíamos que há coisas que apenas a inteligência pode procurar. (BERGSON, 2005, p. 173)

Pedidos novos aparecem no decorrer dos dias e semanas, percorrendo desenhos. desde uma simples caneta, passando por faqueiros, residências, torres comerciais, chegando a sistemas urbanos de planejamento. Em momentos como este, seus cadernos ancoram essas demandas de forma que as informações estejam sempre à mão quando solicitadas. Os desenhos são precedidos ou “emoldurados” por números, contas, áreas, listas; a mão trabalha em conjunto com o pensamento de forma clara. Eduardo Souto de Moura demonstra ser muito pragmático e objetivo em sua profissão, seus devaneios surgem apenas quando se utiliza das analogias para reverter fantasia em arquitetura.

Para Roland Barthes, a analogia torna possível a transferência: “assim que uma forma é vista, é necessário que se assemelhe a qualquer coisa: a humanidade parece condenada à Analogia”. Analogias com formas naturais e orgânicas foram utilizadas com frequência na arquitetura, por Frank Lloyd Wright, Alvar Aalto, Le Corbusier e outros. Em seus cadernos de desenho, Le Corbusier desenhava animais, buscando a “força” de suas linhas, contornos sinuosos de rios e estradas, paisagens vistas de cima, para ele o mundo se apresentava como fonte de inspiração. Eduardo Souto de Moura também se utiliza de analogias: em sua entrevista para a revista *El Croquis*, comenta o projeto da Casa em São Estevão (para o jogador de futebol Cristiano Ronaldo):

Outro dia descobri um caderno antigo onde havia desenhado uma casa, e não sabia bem o que era, mas com uma forma de animal. E escrevi: casa ‘tubarão-martelo’ (...) não sei se se trata de novo de uma busca zoomórfica: ‘a mosca’ está presente na Casa de Manoel de Oliveira. (MOURA, 2009, p. 20)

No croqui original desta residência, Souto de Moura escreveu: “Hoje o nosso olhar é como o das moscas em todas as direções.” (Q2xRo, 2011). Ele nunca escondeu sua dificuldade em colocar janelas em seus projetos; quando seu cliente, o cineasta Manoel de Oliveira, lhe pediu certa privacidade em alguns lugares da casa, onde existem grandes paredes de

vidro, Souto de Moura colocou então as aberturas na parte mais extrema do edifício, garantindo assim uma certa intimidade, mas com vista de um lado para o Rio Douro e de outro para o mar, como podemos ver na Figura 5:

trabalhei à volta da ideia principal de uns olhos que olham sobre a paisagem. (MOURA, 2008, p. 60).

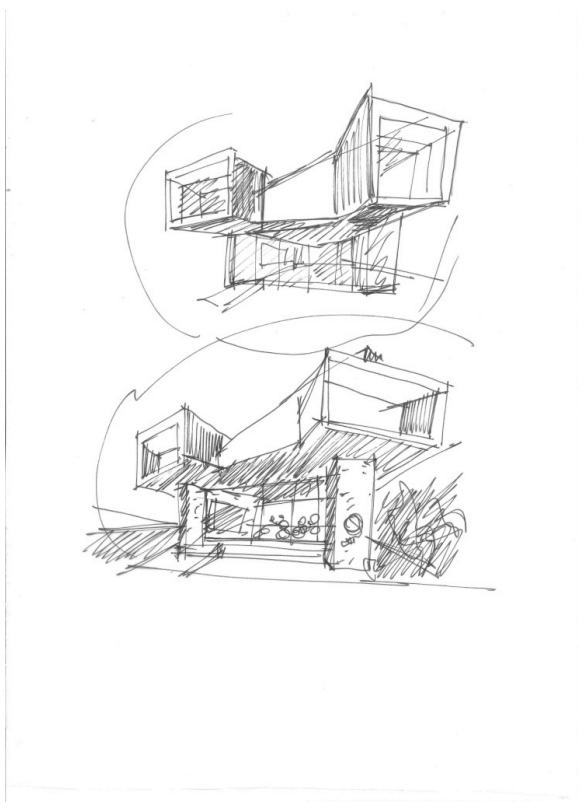


Figura 5: Croqui do autor do projeto da Residência Casa de Manoel de Oliveira, a partir de croqui de Eduardo Souto de Moura (1998) (Base site <http://www.artecapital.net> visitado em 25/06/2013).

Todos os esboços não possuem sempre a mesma expressão, uns são mais riscados, outros mais puros e visíveis para qualquer leigo, mas não deixam de seduzir enquanto desenho de um pensamento, que se materializa e se transforma em obra arquitetônica. Os desenhos de criação são peças de um processo de construção, de desenvolvimento e são também atraentes do ponto de vista visual, eles nos fazem refletir sobre o ato criador.

No comentário de Stefano Boeri podemos encontrar uma tradução da atividade de desenhar de Eduardo Souto de Moura:

Desenhar não é só um exercício, é uma estratégia para reaprender como administrar e articular nosso desejo de um mundo diferente. Isso é algo que se encontra perto da essência de ser um arquiteto. (BOERI, apud SERRAZANETTI & SCHUBERT, 2009, p. 25).

## REFERÊNCIAS

- BLANC, Charles. **Grammaire des arts du dessin: Architecture, sculpture, peinture**. Paris: H. Laurens [1880].
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Martins Fontes: São Paulo, 2005.
- DERDYK, Edith. **Disegno, desenho, desígnio**. São Paulo: Senac, 2007.
- EL CROQUIS. **Eduardo Souto de Moura**. Madrid: El Croquis, 2009.
- FRASER, Ian & HENMI, Rod. **Envisioning architecture: An analysis of drawing**. New York: Van Nostrand / Reinhold, 1994.
- GRAVES, Michael. **The necessity for drawing: Tangible speculation**. *Architectural Design* vol. 47 no. 6, 1977, pp. 384-394.
- GRAVES, Michael. In: <http://www.forgemind.net>: 2012
- LAPUERTA, J. M. de. **El croquis, proyecto y arquitectura [scintilla divinattis]**. Madri: Celeste, 1997.
- MOURA, Eduardo Souto de. **Eduardo Souto de Moura**. Portugal: Caleidoscópio, 2008.
- MOURA, Eduardo Souto de. **Eduardo Souto de Moura: Conversas com estudantes**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.
- MOURA, Eduardo Souto de. **Sketchbook no. 76**. Zurich: Müller, 2012.
- MOURA, Eduardo Souto de. Entrevista a Luis Miguel de Queiroz, s.d.. In: <http://www.artecapital.net/exposição-381-eduardo-souto-moura-esquissos-de-uma-vida>
- PALLASMAA, Juhani. **Imaginação e imaginário na arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- PERRONE, Rafael Antonio Cunha. Desenhos e projeto. In: PERRONE, Rafael Antonio Cunha & VARGAS, Heliana Comin. **Fundamentos de projeto: Arquitetura e urbanismo**. São Paulo: Edusp, 2014.
- SERRAZANETTI, Francesca & SCHUBERT, Matteo (orgs.). **Bolles + Wilson: Inspiration and process in architecture**. Moleskine, 2011.
- SERRAZANETTI, Francesca & SCHUBERT, Matteo (orgs.). **The hand of the architect**. Moleskine, 2009.
- SIZA, Alvaro. **Imaginar a evidência**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- <http://ediandrist.com>

2014.1 88

[**CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**]

<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/issue/view/405>

ISSN 1809-4120

[http://q2xro.blogspot.com.br/2011\\_03\\_01\\_archive.html](http://q2xro.blogspot.com.br/2011_03_01_archive.html)

<http://www.arcspace.com>